

## Resenha

Recebido: 22.04.2020

Aprovado: 27.04.2020

Publicado: 01.07.2020

DOI <http://dx.doi.org/10.18316/REDES.v8i2.6826>

## O fascismo eterno, uma resenha

*José Alexandre Ricciardi Sbizera*Faculdades Londrina; Universidade Positivo,  
Londrina, Paraná, Brasil<https://orcid.org/0000-0002-3211-5967>ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018. 63p.

Umberto Eco foi um filósofo, semiólogo e crítico literário italiano, professor e diretor da Escola Superior de Ciências Humanas da Universidade de Bolonha; lecionou também, temporariamente, em Yale, Columbia, Harvard, no Collège de France e na Universidade de Toronto. Foi colaborador de diversos periódicos acadêmicos e publicou centenas de trabalhos sobre uma infinidade de temas e, em paralelo, escreveu narrativas aclamadas pela crítica literária, como, por exemplo, “O nome da rosa”, “O pêndulo de Foucault” e “Baudolino”.

Apesar de sua versatilidade temática, é amplamente considerado um dos maiores intelectuais de nosso tempo e um pensador contínuo das condições e possibilidades da sociedade. É neste sentido que a presente resenha vem sugerir a releitura do texto “O fascismo eterno”. Tal trabalho é originariamente uma conferência proferida por Eco na Columbia University em 1995 e publicada no mesmo ano. No Brasil, teve sua primeira publicação em 1997, parte de obra autoral mais ampla, “Cinco escritos morais”, com tradução de Eliana Aguiar. No ano de 2018 foi republicado pela Editora Record e vale como um novo convite, um novo alerta, uma lembrança da necessidade de reler e de estar atento ao fenômeno infeliz do fascismo eterno.

Em um momento geral de ascensão mundial do flerte com o fascismo, mas sobretudo, em particular, com a ameaça real do estabelecimento do fascismo no Brasil, reler “O fascismo eterno” nos ensina, nos lembra ou nos auxilia a pensar o sentido da história e a importância da memória para não repetir maiores erros pretéritos. A sofisticação cada vez maior das práticas fascistas, tais como o medo da diferença, a oposição e intolerância à crítica, o

machismo estruturado e não pensado do cotidiano, a repressão e controle da sexualidade e da reprodução dos indivíduos, a exaltação cega e ignorante de messias salvadores de medos irracionais, a intimidação e a propagação de medos e temores constantes mas invisíveis, fanatismos religiosos, dentre outras, são características que formam uma nebulosa fascista, tanto ontem como hoje, e infeliz mas possivelmente amanhã tanto mais do que hoje.

Para abordar tudo isso, Umberto Eco conta rapidamente sua experiência pessoal com o fascismo. Lembra que Mussolini não tinha nenhuma filosofia, mas apenas uma retórica articulada com algo de emocional; que o fascismo não tem uma única essência, que não é uma ideologia monolítica, mas uma colagem de diversas ideias esfumaçadas, confusas e muitas vezes contraditórias, de grupos arrebanhados que ora se aproximam e ora se afastam para no dia seguinte se aproximarem novamente, numa dinâmica sempre adaptável às conveniências de inúmeras ordens.

Deste modo, a obra toca em atualíssimos temas, caracterizando o fascismo eterno da seguinte maneira: (a) um culto à tradição, a partir de onde não existe avanço do saber nem pelo saber, uma vez que a verdade já foi anunciada anteriormente e não pela razão; (b) a recusa da modernidade, ou seja, uma aderência de algum modo manifestada a algo irracional; (c) o culto da ação pela ação, que considera toda a reflexão e pensamento desnecessários, como um desperdício, como algo indolente, e que, por contraposição, leva à suspeita constante contra os lugares do saber, do mundo intelectual, científico; (d) a ideia de que tudo que está contra o seu próprio pensamento é uma traição; (e) a busca incessante de consenso e a naturalização do medo da diferença, e aí entram diferenças de gênero, sexo, raça, cor, classe, etc.; (f) o jogo constante com a frustração individual ou social, de onde decorre o apelo às classes médias apenas eventualmente desvalorizadas por construídas crises econômicas ou alegadas humilhações políticas que apenas raramente são assustadas pela pressão de grupos sociais subalternos; (g) a obsessão da conspiração, muitas vezes de ordem internacional, que faz surgir imposições de identidades comuns e o rápido estabelecimento de inimigos; (h) a ambivalência e o deslocamento dos estabelecidos como inimigos, que podem ser facilmente alteráveis de acordo com os interesses da vez; (i) a ideia de que a vida é uma guerra permanente contra aqueles inimigos, os quais podem e devem ser derrotados por uma solução sempre final, o que conduz a uma guerra permanente, já que outro inimigo é abruptamente restabelecido; (j) um elitismo popular que despreza toda manifestação de fraqueza, ou seja, é a ideia de que há sempre alguém ou grupo mais fraco, logo você é forte, o que gera a produção e a reprodução de opressões de todas as sortes; (k) por conta disso, cada um é influenciado e conclamado a ser um herói disposto a morrer prontamente pelas suas ideias, embora corriqueiramente provoque mesmo apenas a morte de outras pessoas e ideias; (l) como a guerra permanente e o jogo de herói são na prática difíceis de acontecer, o fascista transfere sua vontade de exercício de poder para questões sexuais, gerando machismos, sexismos e, como seu sucedâneo, delicados gostos por armas de grossos calibres; (m) o desaparecimento da ideia de indivíduo e seus direitos, vontades e diferenças em detrimento de uma vontade comum do povo, a qual é sempre conhecida, interpretada e afirmada pelo líder e somente por ele, e qualquer alegação em desconformidade a esta é posta em dúvida, deslegitimada, descredibilizada e apontada como alvo a ser destruído; (n) a pobreza de vocabulário, de pensamento e de raciocínio, impeditivos de análises e compreensões complexas e críticas; (o) por fim, Eco

comenta que o fascismo eterno está ao nosso redor, muitas vezes em trajes civis, sob vestes as mais inocentes e que “nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar no mundo”<sup>1</sup>; e, ainda: “Liberdade e libertação são uma tarefa que não acaba nunca”<sup>2</sup>.

Para nós, juristas, a leitura interessa no todo, tendo em vista o tensionamento e o risco que o fascismo coloca ao Estado Democrático de Direito e os Direitos Humanos, mas é especialmente provocativa para estudiosos que têm em mente preocupações mais urgentes com o direito penal, o processo penal, as políticas criminais, o sistema de justiça e o sistema carcerário. E isto porque, ainda que o texto de Eco não se refira exatamente a estes temas e suas minúcias, nos ajuda a pensá-los de modo mais amplo e complexo, uma vez que a mera imbricação mental da obra com estes temas de certo modo escancara a miríade de formas, desde as mais sutis e sofisticadas até as mais agressivas e contundentes, com que o sistema penal atua de maneira fascista e faz incidir todo o seu poder a determinados indivíduos e grupos.

Para novatos nos estudos do Direito, o fascismo eterno de que fala Umberto Eco é chocante e faz entrar em estado de alerta. Pra quem estuda o sistema de justiça criminal e suas nuances há tempos e se preocupa com o ser humano e com a sociedade, o fascismo não é nenhuma novidade, é eterno o fascismo porque sempre esteve aí; mas não menos assustador. Não se estarrecer diante deste fascismo, é torná-lo eterno, uma vez outra. Até quando? “A justiça que havemos de fazer”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 61.

<sup>2</sup> ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 61.

<sup>3</sup> FORTINI, Franco Apud. ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 63.